

# PRINCÍPIOS BÁSICOS DE LEXICOLOGIA

**Nelly Carvalho**

**2ª Edição**  
Revisada

Editora  
Universitária



UFPE

# **PRINCÍPIOS BÁSICOS DE LEXICOLOGIA**

# PRINCÍPIOS BÁSICOS DE LEXICOLOGIA

**Nelly Carvalho**

2ª Edição revisada

Editora  
Universitária  UFPE

Recife, 2011

**Universidade Federal de Pernambuco**

Reitor Prof. Amaro Henrique Pessoa Lins

Vice-Reitor Prof. Gilson Edmar Gonçalves e Silva

Diretora da Editora UFPE Prof<sup>a</sup> Maria José de Matos Luna

Editora associada



### **Comissão Editorial**

Presidente Prof<sup>a</sup> Maria José de Matos Luna

**Titulares** André Luiz de Miranda Martins, Artur Stamford, Christine Paulette Yves Rufino, Elba Lúcia C. de Amorim, Emanuel Souto da Mota Silveira, José Dias dos Santos, José Wellington Rocha Tabosa, Maria do Carmo de Barros Pimentel, Lívia Suassano, Marcos Gilson Gomes Feitosa, Marlos de Barros Pessoa, Sônia Souza Melo Cavalcanti de Albuquerque

**Suplentes** Alexandre Simão de Freitas, Arnaldo Manoel Pereira Carneiro, Augusto César Pessoa Santiago, Benício de Barros Neto, Bruno César Machado Galindo, Carlos Alberto Cunha Miranda, Carlos Sandroni, Ivandro da Costa Sales, José Gildo de Lima, Luiz Carlos Miranda, Vera Lúcia Menezes Lima, Zanoni Carvalho da Silva

**Editores Executivos** Antonio Paulo de Moraes Rezende, José Rodrigues de Paiva

### **Créditos**

**Capa e Projeto Gráfico:** Sérgio Siqueira

**Montagem e Impressão:** EdUFPE

**Catálogo na fonte:** Bibliotecária Joselly de Barros Gonçalves, CRB4-1748

C331p Carvalho, Nelly Medeiros de.  
Princípios básicos de lexicologia / Nelly Carvalho. 2. ed. – Recife :  
Ed. Universitária da UFPE, 2011.  
92 p.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7315-882-3 (broch.)

1. Língua portuguesa – Lexicologia. 2. Língua portuguesa –  
Vocabulário. 3. Semântica. 4. Neologismos. I. Título.

401.4

CDD (22.ed.)

UFPE (BC2011-055)

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, especialmente por sistemas gráficos, microfilmicos, fotográficos, reprográficos, fonográficos e videográficos. Vedada a memorização e/ou a recuperação total ou parcial em qualquer sistema de processamento de dados e a inclusão de qualquer parte da obra em qualquer programa juscibernético. Essas proibições aplicam-se também às características gráficas da obra e à sua editoração.

## Introdução

### A palavra é o que, finalmente?

Segundo Paulo Freire, a palavra humana imita a palavra divina: é criadora. Será mesmo? Em certo sentido, sim. Se no futebol, durante a Copa do Mundo, alguém diz que um jogador *amarelou*, cria uma nova forma de observar ou culpabilizar um craque que, até então era admirado pelas qualidades. Se a um fenômeno, como o encontro das águas do rio com o mar, dá-se o nome especial de *pororoca*, ele passa a chamar a atenção para seus efeitos especiais e perde o anonimato de um desaguar de rio comum e qualquer. A palavra é a representação do mundo exterior, expressão do pensamento e comunicação com o outro.

Mas não se fala com palavras isoladas como elementos soltos entre si. Usamos palavras que se organizam em estruturas. Cada sistema linguístico (língua) terá um tipo diferente. Por exemplo, em português, a ordem direta é a mais comum. Temos sujeito + predicado + complemento. O

*senado gastou 12 milhões de reais com a reforma do Plenário. Se quisermos antecipar um termo, devemos usar a vírgula para demonstrar isso: Com a reforma do Plenário, o Senado gastou 12 milhões de reais.*

O inglês não tem a mesma ordem de termos do Português, pois cada língua escolhe o seu. O Latim, considerado nossa língua-mãe, também não usava esta ordem direta; o que resgatava o sentido é que o sujeito tinha uma marca chamada caso nominativo e cada complemento tinha a sua marca: objeto direto, indireto, de lugar e os outros. Mas a estrutura não é só a ordem: é também a flexão do número, do gênero, do grau, é conjugação verbal e a combinação destas formas linguísticas entre si. Vocês sabem que, no inglês, os substantivos flexionam em número, gênero, mas adjetivo não necessita concordar, como acontece em português. Permanece invariável. Quando nos referimos às estruturas linguísticas, vemos que as regras estruturais atuam sobre um conjunto de termos ou vocábulos, que nomeando o mundo que nos cerca são inseridos, ou melhor, são os elementos principais dessas estruturas.

“No princípio era o Verbo” diz a Sagrada Escritura. Na língua, no princípio é o verbo, mas também o substantivo, o adjetivo e advérbio. Eles são elementos básicos da comunicação, responsáveis pela relação com o mundo: pela descrição da vida que nele se encerra. No diálogo de Tarzan e Jane, o primeiro aprendendo a falar, apenas repetia o fundamental: - Me, Tarzan; - You, Jane. Não havia verbos,

nem flexões, exatamente como fazem as crianças no período de aprendizagem da fala: repetem apenas os nomes de objetos e pessoas.

A palavra nomeia, qualifica e distingue as diferenças. É básica na comunicação. Se você, diante de uma habitação, escolher uma dessas palavras, será de imediato entendido: casa/casebre/casinha/casarão/mansão/palacete. Elas nomeiam lugar de moradia, mas nem de longe são sinônimos.

Mas este aspecto – o acervo de palavras da língua – é pouco estudado, porque é difícil de sistematizar. Vamos tentar fazê-lo para penetrar nos segredos das palavras, atendendo ao convite de Drummond: “Penetra surdamente no reino das palavras; elas têm mil faces secretas”. Apesar do tom grave e misterioso do convite, lembrando um filme de suspense, este reino não é solene nem sisudo. É divertido, simples e conduz-nos por um caminho que já conhecemos, mas nunca paramos para apreciar melhor: é o universo da nossa fala cotidiana, onde gravitam as palavras que marcam nossa presença como emissor/receptor.

I

**Quais os limites entre  
Vocabulário e Gramática?**

---

## **Quais os limites entre Vocabulário e Gramática?**

Aproveitando o convite de Drummond para penetrar no reino das palavras, vamos pedir-lhe que continue sendo nosso cicerone (ou guia), refletindo sobre suas afirmações. Ele diz, em uma de suas crônicas, que “entre palavras circulamos, nascemos, vivemos e morremos e também palavras somos”, mas com significado desconhecido.

Começando bem acompanhados (é melhor do que só), vamos procurar entender esse significado misterioso da palavra (mais fácil) e de nosso ser (mais difícil).

A palavra é... instrumento de comunicação, rótulo para objetos e ações, ou apenas som sem consequência?

Quando estudamos uma língua estrangeira, aprendemos novos nomes para coisas conhecidas junto com as regras de combinação deles: como se juntam, como variam, por que temos de igual significado não são equivalentes. Em

inglês, por exemplo, *Big* e *Great* são usados para contextos de grandezas diferentes.

Quando estudamos a nossa língua materna não nos preocupamos muito com esse aspecto vocabular. Afinal, as palavras já são nossas conhecidas desde que aprendemos a falar. O que nos preocupa quase sempre, no estudo da Língua Portuguesa, são as regras de combinação e de uso da norma padrão ou culta, para escrevermos dentro dos modelos exigidos. Essas são as regras que chamamos de Gramática Normativa ou Prescritiva que vão nos guiar pelo pelos poucos trilhados caminhos da escrita, a que chamamos **código tenso**, pois nos preocupamos com o desempenho.

A fala é distensa, pois ninguém tem muito cuidado com a expressão oral. Para comprovar, leiam um noticiário ou comentário em jornal ou revista e ouçam o comentário na TV ou discussão entre amigos. Enquanto os comentários e as discussões são descontraídos, pouco importando a regência complicada ou concordância, a mídia escrita segue a rigor as normas, e ai de quem não fizer assim.

Isso gera uma preocupação exacerbada em torno das regras de combinação (gramática), ficando o vocabulário (léxico) relegado a segundo plano, sem exercício para ampliá-lo ou conhecê-lo melhor. A consequência é a limitação da capacidade de expressão, faltando palavras literalmente para exprimir o que se pensa ou se diz. Graciliano Ramos, através de seus personagens em *Vidas Secas*, já demonstrava como a

pobreza de expressão afeta a qualidade de vida (ou vice-versa).

Já deu para perceber, pelo que foi explicado, a diferença entre vocabulário e gramática (regras de combinação). Grosso modo, funciona a língua como um computador. As palavras (vocabulário) são os dados e a gramática, as regras de funcionamento. Se qualquer detalhe foi mudado (um ponto, uma letra, um espaço), o programa emperra e monitor avisa que o comando está inválido. É muito mais rígido do que as regras de gramática linguística. Alguns estudiosos não aceitam a divisão entre vocabulário e gramática, pois as interferências são recíprocas. Claro! Ambos fazem parte de um sistema, o sistema linguístico, que, como o computador, só funciona em conjunto.

Vamos agora ao que interessa. O vocabulário ou léxico (do grego *lexicon*) é o inventário completo dos termos que constam sempre de um dicionário da língua. Em português, o dicionário mais conhecido e usado é o de Aurélio Buarque de Holanda, com mais de 120 mil verbetes (as chamadas ou entradas em negrito). Ninguém vai exigir que um falante comum conheça todas as palavras explicadas no verbete. O máximo, segundo Antonio Houaiss, seriam 10 a 12 mil. O falante comum – pouco letrado – domina 2.000 a 2.500, mas a medida que adquirir conhecimento, chegará a 5.000 ou 6.000. Com isso, entende-se melhor o mundo, a vida, os outros e a si próprio.

O léxico depende da realidade extralinguística. Por isso, é a menos sistemática das estruturas – a menos sujeita a regras. Como você, da era do computador, já conhece bem a realidade virtual, dá para entender que o léxico é uma delas: é um conjunto virtual, existindo como possibilidade.

Linguistas como David Crystal dividem as palavras em: lexicais (ou plenas) e gramaticais (ou vazias). Plena e vazia referem-se ao significado, mas contém um erro conceitual: nenhuma forma é totalmente vazia.

As palavras gramaticais (as tais chamadas vazias) só têm função dentro da língua estudada; às vezes, nem sempre podem ser traduzidas e assinalam relações entre termos. São elas artigos, preposições, conjunções, etc. Não têm relação com o mundo exterior, constituindo-se um universo fechado: são um quadro limitado, não inovam, não permitem alternativas. Por isso, igual às pessoas que assim procedem, são consideradas conservadoras.

As palavras lexicais ou plenas, o léxico propriamente dito, se fossem eleitores fariam a delícia de certos políticos, pois enquadram-se no liberalismo (não no neo). Estão sempre se renovando porque o mundo muda e elas têm que nomear a realidade extralinguística. Também muitas caem de moda pela razão (você não usaria *gramofone* para se referir a um aparelho de som, nem *é da pontinha* para elogiar algo. Estas palavras são os substantivos, adjetivos, verbos, advérbios de modo e alguns pronomes que têm forte

conteúdo temático (de significado). A coisa começou a complicar? Não es quente.

Veja a diferença entre *que* (palavra gramatical) e *bonito* (palavra plena). *Que* usado sozinho, fora do contexto, não significa nada, pois não estabelece relação alguma. *Bonito* tem um significado nosso conhecido (lindo, belo). Pode ser usado com ironia, - *Bonito para sua cara!* - mas o contexto deve explicar o fato.

Já estamos quase entrando na resposta da pergunta 2. Mas antes queremos dar os lembretes finais sobre essas palavras plenas - substantivos, adjetivos e verbos, sobretudo.

O linguista Charles Bally (faz um tempão) explicou que as palavras se dividem em transmitidas e adquiridas. As primeiras são as que aprendemos na infância, têm forte carga emocional, são restritas e vão depender do ambiente em que fomos criados. Se formos filhos de pescadores, o vocabulário sobre peixe será rico em relação a outros. São ligadas aos assuntos do cotidiano e se ficarmos reduzidos a essas, teremos um vocabulário limitado. Quanto às adquiridas, aprendemos no decorrer da experiência de vida. São ligadas a atividades, não têm carga emocional e serão tão numerosas quanto mais rico for nosso contato com a língua em ocasiões diversificadas.

São interdependentes aprendizagem e vocabulário, um impulsiona o outro e levam a crescer como ser pensante.

Mas, para ampliar este vocabulário é preciso iniciar o processo pela compreensão do termo: à medida que os

assimilamos, ampliamos nosso vocabulário passivo e quando compreendemos inteiramente o significado do termo e os contextos de uso, passará a fazer parte do vocabulário ativo e será incorporado na elaboração das mensagens. Vamos exemplificar com lide (de *lead* - inglês) que significa o resumo da notícia do jornal que encabeça a narrativa com os principais elementos. Enquanto você não tiver certeza do significado, certamente não a usará. Vai esperar ver como está sendo usada para então empregá-la.

Palavras mais eruditas como *agnóstico*, *estorvo*, ou novas, como *multimídia*, *marqueteiro*, *factoide* merecem sempre esse cuidado, para que não saia truncada a mensagem. Compreendido o assunto, vamos, agora, partir para outro.

# II

**Por que as palavras são  
divididas em classes?**

---

## Por que as palavras são divididas em classes?

*Bem-vindo ao ano 2000*

**Engane** seus vizinhos

Bariloche – a cidade do frio

**Assine** agora e só **comece** a **pagar** em dezembro

Honda *nacional* com cara de *importado*

As palavras sublinhadas têm algo, no significado, em comum. O mesmo acontece com as em itálico e em negrito: que será?

É facilmente percebido. As palavras sublinhadas referem-se a seres com existência real ou fictícia, e que têm substância. São ano, vizinhos, Bariloche, cidade, frio, dezembro e Honda. São as mais numerosas nestes pequenos textos, porque indicam os seres (objetos, pessoas, realidades)

com existência e alguns individualizados: Bariloche e Honda. São substantivos comuns e próprios. Os termos em itálico qualificam: *bem-vindo*, *nacional*, *importado*. São adjetivos: só têm valor na sua relação com substantivos. Os termos em negrito também indicam ação e processo. São os verbos: **engane**, **assine**, **comece**, **pagar**.

Por esta pequena amostra, já dá para perceber que nem mesmo as palavras plenas funcionam igual. Eis o motivo da divisão das palavras em classes; elas diferem entre si na função e na relação. As sociedades humanas também são divididas em classe e sempre foram, desde os tempos mais remotos. A divisão da sociedade, em si, talvez também se justifique. O que é difícil é aceitar privilégios que acompanham essa divisão, dando todos os direitos a uma classe e alijando as demais de desfrutá-los, só lhes sobrando os deveres. Na gramática, a divisão parece ser mais democrática: todos os termos têm direitos e deveres.

Mas, deixando de lado a analogia, a divisão das palavras em classes gramaticais constitui uma herança grega do pensamento de Aristóteles, quando as categorias com que este filósofo organizou o mundo foram transportadas para a língua. O autor da façanha foi Dionísio de Trácia, em sua obra *Tekne Gramatike*. A partir de então, a divisão de palavras em classes atingiu o latim e através do latim, todo o Ocidente.

Transformou-se este modelo na principal forma de categorização linguística.

Eram oito as categorias no grego, porém o substantivo e o adjetivo estavam reunidos na categoria de nome. O latim separou os nomes (onoma, em grego) em substantivos e adjetivos. Nas palavras plenas, temos assim como categorias gramaticais:

Substantivos – Seres  
Adjetivos – Qualidades  
Verbos – Processo  
Advérbio – Qualificação de processo

No entanto, o linguista brasileiro mais famoso, Mattoso Câmara Júnior, achava que nome e verbo são percebidos a partir do mesmo ser nomeado. Às vezes, ele se apresenta de forma estática e às vezes dinâmica:

Correr – corrida  
Amar – amor  
Transportar – transporte

Em *Vendeu remédio falso depois do alerta*, podemos entender, retirando o aspecto temporal dinâmico – tomando o estático e atemporal. A venda de remédios falsos após o alerta.

Baseados nas três principais classes de palavras, faremos um estudo da origem do vocabulário da Língua Portuguesa. Lembramos que, de longe, o substantivo – por razões óbvias de nomear seres – é a classe mais numerosa da

língua, seguida pelo verbo, senhor da ação e dos processos. O adjetivo é pouco numeroso, ainda mais porque muitos substantivos ainda lhe roubam o emprego.

Cidade-fantasma  
Comício-monstro  
Garota-propaganda

# III

**Qual a origem do Vocabulário  
da Língua Portuguesa?**

---

## Qual a origem do Vocabulário da Língua Portuguesa?

Na recente Copa da França, a McDonald's perguntava nos folders das bandejas: Você acha que não fala francês?

Uma bem bolada sequência de situações do cotidiano mostrava a quantidade enorme de termos do francês, usados no português brasileiro.

*Até diplomata comete gafe – Várias equipes de reportagem vão estar de plantão.*

*Onde será o toalete do restaurante?*

A propaganda serve para ilustrar a questão da origem das palavras em Língua Portuguesa.

Sendo ela originária do latim, o vocabulário básico de nossa língua também logicamente teve essa origem. Mas não foi o vocabulário do latim clássico, escrito pelos grandes autores, que nos forneceu as palavras. Foram as palavras da língua do povo, o latim popular ou vulgar (de vulgo – povo)

que sofreram transformações na fala e constituíram o vocabulário básico do português. Manuel Bandeira, muitos séculos depois, afirmou que a língua certa é a do povo, “pois ele é que fala o português gostoso do Brasil”.

Foi o povo – o romano e depois o ibérico – que levou o latim a se transformar em português, partindo dos termos usados no latim popular. Segue uma série de termos populares e seus correspondentes clássicos, e vocês podem ver o que chegou até nós:

<b>Latim Clássico</b>	<b>Latim Popular</b>
Equus	Caballus (cavalo)
Os	Bucca (boca)
Auris	Aurícula (orelha)
Ignis	Focus (fogo)
Domus	Casa (casa)

Não aconteceu apenas com o latim. Até hoje as línguas têm um termo popular e um erudito para dizer a mesma coisa: cansado/exausto – morrer/falecer – beijos/lábios – pestana/cílios – galho/haste. Porém, este vocabulário tornou-se insuficiente para nomear as novidades e mudanças como fatos políticos e descobertas científicas,

geográficas e de outros tipos ocorridas na época da formação da língua. Foi necessário buscar ajuda no latim clássico, criando alguns termos. *Óculos, pleno, chave, plano*, foram importados diretamente da fonte. Dizem que Camões foi mestre nisso; quando queria nomear algo com um termo diferente, Vapt! Vupt!, trazia do latim clássico rápido. Assim criou *mundo, lácteo, inopinado* e outros. Ele foi mais do que um grande poeta; ajudou a fazer de uma língua rude, uma língua de expressão literária.

Mas voltemos à nossa base. Além dos termos latinos, entraram na fase de formação termos dos povos ibéricos que habitavam a península antes dos romanos invadirem-na – *balsa, manteiga, arroio* – e até mesmo do basco, povo que vivia nos Pirineus (e vive) e ainda hoje tem tendências separatistas. Do basco ou euscaro (como é chamada a língua) vieram os conhecidos *bezerro, cachorro e esquerdo*. O último entrou em português porque em latim *sinistro* (que significava esquerdo) adquirira uma conotação negativa e desagradável.

Depois com os godos, nas invasões bárbaras, entraram muitas referindo-se a costumes bélicos: *guerra, luva, roupas, elmo, norte, sul, leste, oeste*. Ainda faltava outro povo, para dar um tempero todo especial a nossa língua: os Árabes.

Na longa estada em Portugal (oito séculos), legaram uma lista enorme de termos geralmente iniciados por *al*, que era o artigo em árabe, e ninguém percebia – *álcool, azeite, açougue, açúcar, arroz, alface, álgebra, arraes* (piloto),

*arrecifes* (pedras do mar), *alfinete*, *alfaiate*, *aldeia*. Como eles tinham conhecimento superior aos moradores locais, em Matemática, Botânica e Astrologia, costumes e nomes foram adotados – *xarope*, *zero*, *chafariz*. *Oxalá* é interjeição árabe (pela vontade de Alá). Formada a língua portuguesa, estava aberto o caminho para as novidades. Ainda nessa época medieval (correspondendo, provavelmente, à época de Robin Hood), entraram termos nomeando realidades vindas do francês (primeira língua a ser oficializada), *jogral*, *trovador*, *linhagem*, *viagem*.

Foi quando (1255) o rei de Portugal D. Afonso III decretou que as palatais deviam ser escritas *nh* e *lh* – para diferenciar do espalho *nn* e *ll*. Como se vê, o poder central sempre se meteu onde não era chamado.

O italiano nos deu termos de navegação. Lembrem-se que Vasco da gama (português) e Colombo (genovês) trocavam figurinhas querendo descobrir o caminho das Índias. Descobriram um santo e cobriram outro (sumiram com a cultura indígena americana do mapa e bagunçaram o coreto das etnias na África).

Estava formado o vocabulário da Língua Portuguesa, suficiente para as comunicações de então, tendo recebido ainda uma pitada do grego (*dava* para o gasto) e do hebraico no que se refere ao cristianismo (então uma doutrina nova) e à filosofia. *Anjo*, *bispo*, *encíclica*, *igreja*, do grego; *Jeová*, *Maria*, *amem*, *Jacó*, *sábado*, *páscoa*, *satanás*, *querubim*, *serafim*, do hebraico.

Mas o português, como povo, era corajoso e meteu-se em aventuras por “mares nunca antes navegados” trazendo termos de uma Ásia nunca vista pelo ocidental, exceto pelo veneziano Marco Polo.

Este veneziano descobrindo na China uma pasta de arroz doce com leite, conservada na neve, trouxe a invenção para a Itália, dando o nome de *sorvete*, com que chegou até nós, através do italiano.

Os portugueses trouxeram muito mais: *nanquim, chá, chávena, biombo, sarongue, manga, jaca, limão, caqui, tufão* – entre as mais conhecidas.

Antes de Colombo, os índios não eram mudos. Assim a América espanhola contribuiu com nomes das culturas pré-colombianas (bastante adiantada em vários aspectos, mais que a europeia): *chocolate, xícara, cacau, abacate, tomate, canoa, condor*.

Quanto à contribuição africana, talvez vocês conheçam bem: *banana, zebra, girafa, batuque, samba, bunda* (de língua chamada quibundo) e tantas outras que usamos no dia a dia no Brasil, mas que não dispensáveis em Portugal, ou por não existir o referente (como *tapioca* e *canjica*) ou por usar outro termo. *Moleque* para Portugal seria *miúdo*. Falando nisso, é engraçado lembrar que *moleque, mocambo, molambo* eram *filho, casa* e *roupa* na língua dos africanos (bantos). Usados por escravos tomou conotação pejorativa. Dos índios brasileiros, recebemos termos ligados a lugares, animais e frutas. *Cajá, caju, umbu, curió, sabiá, mandioca*,

*Paraná, Pernambuco, Açú, mirim, xará* são usadas em nossa língua comum.

Vocês podem perguntar como se reconhecem as palavras portuguesas, se existem tantas vindas de outra língua.

É que existe um padrão derivado do latim popular e que marca a tendência a nossa língua. Consoante desacompanhada, no início, nem pensar! *Schola* (latim clássico), *Eschola* (latim popular), *Escola* (**português**). Por isso em *psicologia, psiquiatria*, providenciamos logo um i que não foi pedido. *Shopping Center* até hoje não pode ser considerado termo da língua portuguesa, mas futebol é nosso, o que não acontecia quando se escrevia *foot-ball*. Aproveite e pesquise em outros termos que você conhece.

*McDonald's*, como é pronunciado? Em *Big*, você não acrescenta um som vocálico no final?

A acentuação tônica também é bastante influenciada pelo padrão popular latino. A maioria de nossas palavras é paroxítona e, se não as acentuarmos graficamente, nunca reconheceremos um termo como proparoxítono (se não o conhecermos antes), *exótico, legítimo, sinônimo*.

Mas vejamos agora como, com essa língua herdada, conseguimos nomear as novidades que mudaram nossa vida, através dos séculos. Vejam as cenas dos próximos capítulos!

# IV

**Como surgem novas palavras?**

---

## Como surgem novas palavras?

As palavras novas de uma língua podem ser formadas por:

- Criação lexical
- Criação semântica (mudança de sentido)
- Origem estrangeira (neologismo por adoção)

Palavras novas são neologismos, termo composto de neo (novo) e logos (palavra em grego). Estão os neologismos ligados a todas as inovações nos diversos ramos da atividade humana, seja arte, técnica, ciência, política, economia, comportamento. Falar em novas palavras é ter como ponto de referência mudança, evolução, novidade, novo, criação, surgimento, inovação. O neologismo é algo necessário à sociedade atual, espectadora/participante de mudanças é ávida por novidade.

Falando em neologismo, citamos criação e surgimento. Isto pode dar a falsa impressão de que é uma inovação, que surgem a partir do nada, o que não é verdade.

Parece que só mesmo Deus criou o mundo a partir do nada. O homem, normalmente, cria a partir de algo preexistente, necessitando sempre de matéria-prima.

Esta é a criação lexical, que se vale de termos preexistentes, ligados a determinadas noções, e utiliza em novas formações, estabelecendo uma ligação com conhecimentos anteriores.

Quando falamos em uma massa energética obtida através de organismos vivos, chamamos *biomassa*, porque a competência linguística do falante da Língua Portuguesa faz estabelecer a ligação entre *bios* de vida através de vários temas que ele conhece: biologia, biociência, biosfera.

Assim acontece em hipermercado, performática, vaca-mecânica, todos baseados em conhecimentos linguísticos, embora formados por processos diferentes.

As criações a partir do nada, ex-nihilo, são raras e pouco importantes.

Como todo o sistema, a língua também tem suas regras de economia e suas regras de construção. As regras de construção da Língua Portuguesa constituem o padrão morfológico a partir do qual podemos identificar determinada palavra como pertencente ao idioma português.

Mas a maneira mais simples e econômica de surgimento de uma palavra não é através de construção e sim de mudança de sentido.

*Mordomia*, serviço de mordomo, passou a indicar regalias exageradas e imerecidas; *tucano*, político do PSDB.

Chama-se este tipo de neologismo conceptual ou semântico, palavra já dicionarizada com outro significado.

Temos os salários *achatados*, jogadores *amarelados*, amizades *coloridas*; surgem as *locomotivas da sociedade*, o *piso* e o *teto salariais*, e os *pacotes* são conjuntos de medidas governamentais e não embrulhos. Os homens têm *visual* e os *caretas* usam cuecas *samba-canção*. São conceitos novos, introduzindo novos hábitos, ou velhos hábitos vistos por um prisma diferente: A administração pública tem que ter *transparência*.

As criações lexicais se dão pelos princípios formadores da palavra:

1. Derivação
2. Composição

A derivação pode ser prefixal (antiviral) e sufixal (kombeiro) e a composição por aglutinação (dedurar) e por justaposição (dedo-duro).

Tipos diversos de elementos são utilizados na construção destas palavras. Um deles, o prefixo, é uma partícula colocada antes da referência principal: polivozes, multivisão, superjumbo, teleprocessamento.

Os prefixos mais produtivos refletem os problemas da sociedade.

- **Sub:** significando posição inferior, aparece em formas como subnutrição, subpoupança, subprodução, subconsumo, subemprego, subcapitalização. É a hora e a vez dos *subs*.

- **Anti:** oposição, retrata conflitos e radicalismo do mundo atual; antijogo, antiecológico, anti-FHC.
- **Mini:** proveniente de *minimum*, muito pequeno, é usado sempre que se refere a um fato novo de pequena amplitude: minicassete, minifutebol, minijornal, mininotícias, minidesvalorização.
- **Bio:** do grego *bios* (vida), demonstra a preocupação pela vida humana ameaçada na sua qualidade (novos vírus, poluição e fome) e na sua continuidade (ameaça de armas nucleares): biogás, biomassa, biodança, bioritmo, biofertilizante, biodegradável.
- **Des:** negação, ação contrária, separação – desgaste, desnutrição, desmatamento, desestatizar.

Os sufixos são partículas colocadas após a palavra, formando uma nova unidade: komb**ista**, elitiza**ção**, carioqu**ice**, mineirid**ade**, magrit**ude**, fisiolog**ismo**.

As duplas de sufixos izar/ização – ismo/ista são as mais produtivas em nossa língua, como em globalizar/globalização.

A última caracteriza ideologias políticas através da derivação das siglas do partido ou da política: petista, macielismo. A lei do menor esforço nos faz formar palavras por redução: apê, pornô, moto, loteca, multi.

A união de duas palavras referindo-se a outro conceito passa a ser encarada como um termo novo. A palavra composta passa uma ideia única e autônoma, diferente das idéias reveladas pelos termos que a compõem. *Filme-denúncia, horário-gigante, força-tarefa, Sul-maravilha, homem-rã* comunicam com rapidez uma ideia nova.

As siglas inovam com os *vips, CD, ibope, TP, VT* e seus derivados.

O grego e o latim clássicos são convocados para nomear situações atualíssimas ou criações tecnológicas: status, vídeo, ecossistema, telecultura, satélite artificial, hidromassagem.

Além dos mecanismos de ampliação do vocabulário já citados, temos a derivação imprópria quando mudamos a classe gramatical das palavras. Existe pouco esforço criativo e também aparece quando se quer generalizar traços de personalidades públicas em comentários de jornal: “Não adianta palavra dos malans da vida, assegurando que não haverá real 2”.

Posteriormente o processo de dicionarização vai refletir a sua aceitação ou não na comunidade linguística.

A partir desse capítulo, iniciaremos a prática da pesquisa linguística. Você não receberá o produto pronto e acabado, mas contribuirá para o processo de construção de seu próprio conhecimento. É instigante poder acreditar.

Pesquise em jornais e revistas, nas seções de política e de esportes, os novos termos que se formam sob nossos olhos e que nós não percebemos.

Classifique de acordo com os processos de formação. Lembre-se que neologismo, criação lexical, não está registrado ainda no dicionário (escolha um bom e amplo dicionário, além disso atualizado: verifique a data). No neologismo por mudança semântica, o termo é registrado no dicionário, porém não com o sentido usado. É fácil observar. *Tucano* está descrito apenas como ave e *real* ainda não está registrado como moeda atual do país.

Escolha apenas duas seções: deixe as demais para outras pesquisas.

**V**

**O que são empréstimos?**

---

## O que são empréstimos?

O nome poderia levar a pensar que, abandonando o estudo da Língua Portuguesa, a que nos propomos, estamos no intrincado mundo da economia. Mas vamos tratar aqui da palavra estrangeira que, ao ser incorporada à língua, é uma adoção, um empréstimo. É o que chamamos de neologismo por adoção.

Este filho adotivo só passa a ser escrito como filho quando se integra bem à família. Neste caso, a particularidade de adoção chega a ser esquecida.

A adoção linguística compreende diversas etapas até a completa identificação da palavra com a língua que a escolheu. Na primeira fase de aceitação, o termo é identificado como estrangeiro, tomando como exemplo: layout. Só será empréstimo quando adotado pelo uso corrente. Passa então a não ser notado como termo estrangeiro: leiaute. Se o termo é importado, mas permanece na grafia original, mesmo sendo muito usado, será um xenismo. É o que

acontece com *show*, *shopping center*, *marketing*, que embora muito usados, ainda são grafados de forma muito estranha para falantes da Língua Portuguesa. A pronúncia, no entanto, já foi adaptada: *shopping* é chope e *show* é xou. Este radical grego *xenos* (estrangeiro) é velho conhecido do composto *xenofobia*. Outras expressões continuam em sua forma original. Também são de origem estrangeira os nossos conhecidos *biônico*, *vídeo-cassete*, *estande*, *mixagem*, *jingle*, *drincar*, *mídia*, *pôster*, *folder*, *turnê*, *freelancer* (que deu *frila*), a maioria deles originária do inglês. Isto é reflexo da interpenetração das culturas, sendo que, quanto mais poderosa for a nação, maior será a influência de sua língua. Os atuais empréstimos resultam de uma adaptação à concepção da sociedade e modo de vida americano pela imprensa, literatura, turismo, indústria, comércio e cinema, enfim pela pressão econômica e cultural do imperialismo norte americano. São produtos de um acentuado mimetismo (espírito de imitação, para ser mais claro) que se desenvolve em razão do prestígio de uma sociedade em consumo, dominado pelo poder do dólar.

A reserva com que eram olhados os empréstimos fez com que fossem chamados de barbarismo (de bárbaro, estranho). A substituição dos empréstimos foi feita naturalmente pela linguagem esportiva em geral, e do futebol em particular. *Back* tornou-se zagueiro, *player* é jogador, *half* é meia, *center-forward* é centro avante e o futebol (*football*) foi brasileiro na terminologia e nas tendências de jogo. Se gol,

que ironia, permanece como um impasse; seu plural não obedece às regras da Língua Portuguesa. Talvez, por isso, nem sempre nossa seleção acerte o gol.

O inglês funciona como língua geral em todo mundo: abre as portas da comunicação internacional. O Brasil aprende inglês não por moda, mas por necessidade: executivos, professores, técnicos, alunos, todos se sentem impelidos a adotá-lo como segunda língua. Muitas vezes é até a primeira, como nos entendimentos financeiros, com os credores internacionais. A sua influência se dá através da importação dos bens de consumo, da expansão das multinacionais, das músicas, dos modismos e dos programas da TV, especialmente da TV a cabo. Tanto fazem parte da linguagem especializada como influenciam a linguagem popular com adaptações à nossa pronúncia. O *rodogue* (*hot dog*), *xburguer* (*cheese burger*), *light* e *diet* atestam no dia-a-dia as formas aportuguesadas. Como nação, a nossa dívida exterior financeira é sempre crescente. Como língua, também, mas diferente do que acontece com a moeda, a dívida linguística não provoca recessão, não há juros, nem sequer pagamento pelos termos que tomamos emprestados.

Assim funciona a língua. A maioria dos empréstimos é do inglês americano, porém há espaço para outros idiomas.

A França já foi a grande influência em nossa vida cultural. Hoje continua esta influência em termos de moda e sociedade: *godê*, *privê*, *taieur*, *evasê*, *chachete* (de *vedete*).

Com a Copa do Mundo em 98 em Paris, percebemos melhor esta influência.

Em assuntos culinários manda o italiano, além de nos brindar com a popular despedida *chau*, sua variante *chauzinho* (bem brasileira). Adoramos *lasanha*, *raviole*, *talharim*.

O espanhol nos dá *sacar*; o finlandês, a *sauna*; o flamengo, o *spa*; o japonês, *saquê*, *karaokê*, *sushi*.

Determinados tipos de empréstimos são traduções apressadas: realizar (*to realize*) por compreender e outros são modelos de construção estranhos a nosso falar.

Os gramáticos consideravam a língua uma água límpida que não poderia ser contaminada. Por isso, e nome do purismo, não aceitavam os empréstimos. Acontece que água parada estagna e apodrece. A língua é água em movimento, e seu aspecto se modifica sem cessar.

O futebol teve seu vocabulário aportuguesado, criando-se o *goleiro*, o *escanteio*, o *pênalti*, o *golaço*, aparecendo nomes como *corta-luz*, *bitoque*, *esfria-sol*, *ponto-futuro*.

São aportuguesadas também formas como *copidesque*, *leiaute*, *frilancer* e *fechecler*, embora pouco usadas.

Muitas palavras são um misto gostoso do inglês e do português: *disco-laser*, *MotoCross*, *homem-show*, *nota-release*, *mangue-beat*.

Sufixos portugueses são usados com formas inglesas; **mixagem**, wind-surfista, deletar, linkagem.

Agora, vamos trabalhar! Pesquise nas seções de economia, de informática e de turismo os empréstimos encontrados. Use, como consulta, sempre o dicionário para ver se o termo já está registrado. Classifique-o da seguinte forma:

Empréstimos adaptados: futebol (inglês), bicicleta (francês), lasanha (italiano) são adaptados à ortografia portuguesa.

Empréstimos originais: filet mignon, pizza, zoom, light, diet, karaokê (em caracteres ocidentais).

Também você poderia pesquisar na publicidade. É uma das áreas de atividade que mais empréstimos usa nas mensagens. Dá *status* e *charme* pensar que o produto não foi feito no Brasil, nessa era de globalização. Também para prestadores de serviços, restaurantes, lojas, bares torna-se *chic* e *in* estar ligado a outra cultura, que julgamos superior, por ser do Primeiro Mundo.

# VI

**Como funcionam as gírias?**

---

## Como funcionam as gírias?

Para designar neologismos populares, a palavra mais abrangente é *gíria*, originária do espanhol *geringonza*, passando para o português com o sentido de objeto complicado.

A *gíria* no Brasil tem as mais diversas origens, desde o tupi às línguas africanas nos primeiros tempos, até o espanhol como *sacar*.

Há palavras *giriáticas* que têm explicação histórica: *baderna* se origina de Maria Baderna, atriz de sucesso no início do século, no Rio de Janeiro, cujos admiradores eram muito exaltados. Alterações fonéticas podem ser criativas: *farrar* é usado por *farrear*, *manerar* por *maneinar*, *zonar* por *zonestar*, *podés crer* é *podicrê*.

Mas a *gíria* é modismo passageiro. Espontânea e expressiva, dura o espaço de uma novela, de uma moda. *Boko moko*, *cadango*, *rebu* e *broto* caíram na vala do esquecimento.

Mesmo se você não for um *expert* em questões de linguagem, há de perceber que língua portuguesa não é um todo uniforme. Existem vários matizes, níveis de registro como dentro de qualquer língua viva.

Ninguém usa o mesmo tipo de linguagem ao escrever ou falar, numa ocasião formal e ao conversar informalmente com os amigos.

A linguagem informal e cotidiana apresenta gradações que vão desde o nível popular até a gíria propriamente. Num sentido bem amplo, gíria chega a ser um conjunto de termos provenientes de diversas linguagens especiais de grupos. Estes termos se generalizam e assinalam o estilo de linguagem popular, ampliando-se com o uso de outros, considerados obscenos e grosseiros, na expressão de uma linguagem onde a afetividade é posta em primeiro plano.

Isto é, a gíria não é objetiva. Denomina as coisas, mais com o sentimento do que com a razão, dando-lhes uma conotação especial. *João é barra pesada, barra limpa, ou uma brasa* expressa apenas meu sentimento em relação a ele, mas nada descreve. Não se assuste, sei que estas expressões *já eram*. Mas é que a gíria também evolui e muda.

Bárbaro, pejorativo, tornou-se valorativo na gíria da juventude, mas a seguir foi substituído por *legal, enxuto, bacana*, este último termo genovês vindo através da Argentina, significando *otário*. A evolução não parou e o garoto bonito passou a ser um pão, incluindo em seu significado a sensação gustativa.

Sinal dos tempos: para mulher, a beleza masculina já não era apenas para ser vista, mas para ser saboreada. A seguir, o pão provado e talvez transformado no *pão que o diabo amassou*, passou a ser *massa*, permanecendo a valorização do sabor. A *massa* azedou, entrou o *gato* que miou e virou *filé*.

Um estudo feito em determinado momento na gíria pode revelar-se totalmente ultrapassado dentro em breve. Podemos ver isto quando são publicados nas revistas brasileiras, a cada versão, gírias e falares surgidos na temporada de praia, no momento em que é mais intenso o contato entre a juventude. E a cada ano surgem novidades, legando as anteriores ao esquecimento e desuso. *Azarar*, pejorativo, sofreu um processo ameliorativo, sendo registrado com o sentido de paquerar. Agora é *ficar*.

“A turma do movimento mangue-beat está guentando a ôia”. Você vê a gíria nordestina forçando a barra, em campo minado de outros interesses. A gíria é difícil de ser entendida por quem não é do ramo. Mas vocês *manjam* bem o movimento atual. Por isso, a pesquisa sobre gíria deverá ser feita na linguagem da música popular moderna (escrita e cantada) e na linguagem dos surfistas. Achamos que será o mapa da mina. Classifiquem os termos em gíria nordestina, brasileira, sulista, atual e antiga e procurem ver de onde partiu a onda.

# VII

O que é Ambiguidade?

---

## O que é Ambiguidade?

Com a língua, expressamos nossos sentimentos, além de nomearmos objetivamente a realidade, situando-nos como pessoa no mundo. A Língua Portuguesa, como expressão do nosso espírito e ideias, possui recursos vastos, por vezes mal explorados. Nunca é demais tentar conhecer e dominar estes recursos.

*FHC inicia a campanha no Nordeste.* Que significa esta manchete? Uma campanha a favor do Nordeste ou apenas tendo o Nordeste como ponto inicial? A frase *A medida visa estimular o consumo das massas do país* indica uma preocupação social com a qualidade de vida das massas populacionais ou visa apenas incentivar o consumo de massas alimentícias? *A escolha foi baseada no critério de precisão*, será na necessidade ou na exatidão? Estas e outras frases, publicadas recentemente em jornal, revelam uma faceta especial da linguagem: a capacidade de produzir um sentido

duplo, dúbio. Não é falha de quem escreve, nem lacuna da língua. É recurso que, às vezes, dificulta a compreensão, mas que na maioria dos casos pode dar leveza e graça à frase, tornando-a maliciosa ou poética na sua dubiedade.

A ambiguidade é a qualidade que possuem as línguas de permitir duas interpretações de uma mesma mensagem. Pode ser resultante do uso de termos ou da construção da frase. Mas a ambiguidade não é o mesmo que imprecisão, pois é planejada e intencional, enquanto a imprecisão é acidental e involuntária.

Quando FHC viajou para Portugal, sua secretária ligou para o cerimonial de Lisboa indagando se o traje da recepção seria de paletó ou fraque. Surpresa, ouviu como resposta que bastava que o presidente fosse de *fato*. Retrucou que não havia dúvida quanto à visita presidencial e o mal-entendido teria se prolongado, se alguém não lembrasse que, em Portugal, *de fato* era *de paletó*. Foi uma incompreensão não planejada, pelo emprego de duas normas diferentes. Mas, quando há planejamento, o sentido múltiplo provoca efeitos poéticos ou humorísticos, ampliando o alcance da frase. “Tinha uma pedra no meio do caminho” de Drummond ou “O que vier eu traço” de Lailson são exemplos conhecidos. “Tucano acredita que pode aproveitar o dinheiro da CELPE” tem sua pitada de malícia, pois *aproveitar* tem conotação pejorativa. “Pai não enche nunca, completa sempre”, frase lida em posto de gasolina no Dia dos Pais é um uso primoroso do recurso linguístico.

Existem, contudo, outros tipos de ambiguidade causadas pela homofonia (mesmo som) que a linguagem cotidiana evita para que não haja imprecisões, embora a substituição acarrete o chamado erro gramatical. São as construções com pronomes átonos *a* e *o*, muito pouco adotadas na linguagem popular, pelas incompreensões que produz. *Eu a via, eu o vi* são sempre substituídos na fala para não serem confundidos com *eu ouvi* e *eu havia*, embora um dos substituídos seja o famoso cacófato *eu vi ela*. Conta-se que, com o poeta Emílio Menezes, era frequente o trocadilho. *É milho*, até que, um dia, respondeu, fazendo o interlocutor sentar: Não *s'evada, sentei-o* – trocadilho com outros cereais.

Os pronomes possessivos *seu, sua, meu, minha* são responsáveis, algumas vezes, pela produção de frases sem clareza: *João bateu no seu carro*. De quem é o carro, de João ou do ouvinte?

A ambiguidade, decorrente da polissemia (palavra de sentido múltiplo como *vela* ou *luz*) ou da homonímia (palavra de forma igual e sentidos diversos como *meia* ou *colar*), é uma riqueza de expressão, quando bem usada. Mas quem escreve deve ter muito cuidado no uso de construções e palavras ambíguas. Se não forem planejadas, intencionais e escolhidas, comprometem a clareza do texto e tornam-se um obstáculo à comunicação.

Veja, quando escreve, que na sua frase não tenha duplo sentido, a não ser que seja intencional. Pesquise no que lê ou no que ouve frases cuja ambiguidade não seja planejada.

Mas veja também com os poetas, que são os autores da nossa música popular, o uso planejado da ambiguidade – a beleza que dá ao texto.

Eça é um craque nos versos – (não crack, por favor) – Chico Buarque sabe lidar com a ambiguidade.

“Pai, afasta de mim esse cálice/ Cale-se! de vinho tinto de sangue”. São versos que fazem o jogo do sentido, utilizando formas de sons iguais e sentidos diferentes. Procure e achará muitos outros.

# VIII

**Polissemia e Homonímia:  
qual a diferença?**

---

## **Polissemia e Homonímia: qual a diferença?**

Já falamos sobre a ambiguidade, mas vamos continuar, pois abordaremos as causas do fato: a polissemia e a homonímia.

Escolhemos para estudar o assunto o texto publicitário, por ser o que usa com mais propriedade este recurso (melhor que ele só o texto poético).

Admitem-se dois tipos de ambiguidade: a sintática e a lexical. A ambiguidade sintática é aquela em que a mesma estrutura de superfície resulta em duas ou mais estruturas profundas diferentes: na lexical, um morfema pode ter vários sentidos, constituindo a ambiguidade decorrente da polissemia ou da homonímia. O tipo de ambiguidade mais comum gira em torno dos duplos sentidos dos homônimos. Às vezes, porém, duas palavras diferentes soam semelhantes e, não sendo homônimas, parecem quase homófonas, o que pode fazer o jogo da ambiguidade: “Nada como um Good

Year atrás do outro” (pneus Good Year). O empréstimo GoodYear soa semelhante a dia, de modo que se recupera, por meio da massa fônica reconstituída, a identidade do provérbio popular. A polissemia – ou seja, a multiplicidade de sentidos – contribui para a ambiguidade, fazendo o jogo programado do sentido, de modo a permitir várias leituras do texto: *O banco foi pintado recentemente* – pode se referir a um banco de jardim ou a uma instituição financeira. Temos, portanto, a homonímia – mesma grafia ou pronúncia para vários sentidos – e a polissemia – vários significados para uma palavra. Os limites entre polissemia e homonímia constituem uma questão polêmica.

A própria evolução histórica da língua pode distinguir a polissemia da homonímia, mas requer certa dose de conhecimento etimológico. Outro meio seria apelando para as áreas de significado (exemplo: cabo, acidente geográfico / cabo, posto militar) ou a diferenciação entre classes de vocábulos (cobre, metal / cobre, do verbo cobrir ou cobrar). Pode-se, ainda, recorrer ao antônimo das palavras. O adjetivo claro pode ser usado para cabelo, pele, tempo, céu. Os antônimos, nesse caso, seriam escuro, (cabelo e pele) ou nublado (tempo e céu).

Quando o antônimo é o mesmo, existe polissemia: quando o antônimo é diverso, há homonímia. Na prática, o sentido de uma palavra sempre vai depender de associações resultantes das comparações com sinônimos e antônimos. Em dois momentos diferentes, a mesma palavra tem sentidos

tão diversos que se pode considerar que se trata de duas palavras distintas. É a inserção da palavra no contexto, aliada, no caso da publicidade, à associação com a imagem e com o nome da marca, que dá a chave do sentido. A exploração da polissemia ligada à linguagem figurada aparece em: “O sorriso evoluiu: estava por um fio, agora está por uma linha completa. Colgate. Creme dental, escova e fio dental”. Aqui, utiliza-se a expressão estar por um fio, que significa estar em perigo, e a sequência da mensagem, com a oposição estabelecida (linha completa), esclarece que se trata de um fio dental. “A felicidade depende do passado, do futuro, e de um presente. Dê um presente Shopping” é baseado na homonímia *presente* (dádiva) e *presente* (tempo). Observe a ambiguidade: “Como largar o vício do álcool. Este anúncio é para você que é dependente do álcool. Para você que gasta um tempo se matando para limpar vidros com ele. Saiba que a cura pode estar em suas mãos. Vidrex. Use Vidrex e você vai ver como esse negócio vicia. Atlantis. Tudo de bom para seu lar”.

Para conferir ambiguidade à mensagem, são utilizados os itens lexicais do campo semântico do vício do álcool. Com tais termos – *depende, vício, cura, viciar* –, cria-se uma rede de ambiguidade polissêmica, desfeita por uma das frases do texto (limpar vidros com ele), pelo nome do produto, pela imagem e pela afirmação final. O termo *bom* anula o negativo de *droga*, e introduz o termo *lar*.

Quando uma mensagem publicitária se vale da ambiguidade, sua interpretação funciona de modo privilegiado. Mas deve-se atentar para o seguinte: se há duas interpretações de um texto, sempre uma é a dominante; quando a dominante não é a que interessa ao produto, a polissemia perde sua função e se converte num erro tático de publicidade. No caso de *levar vantagem em tudo*, originalmente usada em propaganda de cigarro interpretada por Gérson, campeão mundial de futebol, o cigarro foi esquecido (Vila Rica) e a mensagem sobreviveu com outra interpretação, tendo sido promovida a *lei de Gérson*, numa alusão à necessidade do ser humano de obter sucesso a qualquer custo.

Muitos outros textos apelam para a ambiguidade da polissemia/homonímia: “O óleo da turma do cebolinha” (ambiguidade em tempero e personagem); “Dar um bronze na galinha” (fritar e não tomar sol); “Você vai aderir a esta ideia; os alimentos não” (recipientes antiaderentes); “O expresso chegou” (analogia entre trem e café expresso); “A moda vai pegar no seu pé” (analogia entre vestuários que agradam e pessoas que insistem). Um comercial recente ativa a polissemia: “Se você acha que ele está frio arranje outro” (publicidade de chuveiro elétrico que alude aos casos de amor).

Muitas vezes, a repetição é um caso de homonímia, como em: “CedroBrim. Brim de todas as cores. Cedro leve. Brim leve de todas as cores, Leve CedroBrim”. Aqui, o

segundo *leve* pode ser tomado não como adjetivo (em oposição de pesado), mas como imperativo do verbo levar. A repetição é também um recurso de fixação da mensagem, sobretudo em relação à repetição da marca.

É na busca do sentido múltiplo ou no acréscimo de novos conteúdos, porém, que o recurso da repetição se destaca. A repetição é um expediente trivial na publicidade e se manifesta primeiramente na própria frequência da veiculação, seja qual foro veículo ou em vários veículos simultaneamente. Na mensagem, a tautologia (pleonasma, redundância) pode gerar uma construção espelhada, em *Igual é igual aos outros*. Em muitos casos, porém, a repetição é apenas um recurso mnemônico a que a mensagem recorre: “Biofitocosmética. A ciência a serviço da saúde. A saúde a serviço da beleza. A beleza como consequência de ser, estar e se sentir bem. Regime básico de tratamento facial. É clean. É clínico. É clinance. Clinance”. Baseada na repetição do último nome, como uma espécie de ciranda de Drummond, a mensagem faz a coesão do texto. Além da repetição lexical, há a repetição sonora, pelo uso da aliteração – *clean, clínico, Clinance*. Quando se trata de fixar na memória do receptor o nome de uma marca ou slogan, associados à qualidade do produto que se deseja vender, todos os meios de insistência são considerados legítimos. Pode-se adotar, por exemplo, repetição de igualdade (as mesmas palavras para ideias iguais) ou a equivalência (palavras diferentes para ideias iguais). Pode-se perceber que quando a polissemia e a homonímia

favorecem a ambiguidade, a repetição não implica necessariamente o surgimento de uma nova conotação.

Agora, não mais pesquise, dê um passo adiante. Construa mensagens publicitárias, ou poesias (depende da sua vocação) com jogo de sentido baseado na homonímia e polissemia. Mas procure o caminho certo: não busque apelações fáceis, como em alguns quadros de humor televisivo. Aliás, se você quiser, pode construir diálogos humorísticos (em vez de poesia ou publicidade) mantendo o nível.

# IX

**Sinonímia e Antonímia:  
o que é isso?**

---

## Sinonímia e Antonímia: o que é isso?

Sinônimos, antônimos, homônimos e parônimos são classificações de palavras que conhecemos desde as primeiras noções de estudo da língua. Por que tanto *nimo* ou *nima*? Vem de *onoma* – nome, em grego – com uma mutação fonética. Sin é o mesmo prefixo de simpatia, sinfonia, sintonia; indica simultaneidade e companhia. É o nome que tem significado semelhante a outro e pode substituí-lo em determinado contexto. Sinônimos perfeitos não existem, como também falsos sinônimos. Falsa é a afirmação.

Os termos que consideramos sinônimos entre si podem eventualmente substituir o outro, mas nem sempre. Vejamos um caso simples: alvo – branco.

Vestir uma camisa branca ou alva dá no mesmo. Mas não podemos falar da *raça alva* (em vez de branca) ou *deu um alvo na hora de falar* (em vez de branco). Em *Na negra escuridão da noite*, não fica bem substituir por **preta**, em

Joana vestiu seu **pretinho** de crepe, não se pode substituir por **negrinho**.

Sobre sinônimos é bom pensar que não existem dois termos com usos iguais. Se não, por questão de economia linguística, o outro não seria criado. Além do mais, quando os significados se recobrem completamente, um deles entra em desuso ou adquire uma conotação diferente: elitizada/pejorativa, eufemística/regional. Aldeia e vila se equivalem. Mas não se diz: *Nasceu numa aldeia de Pernambuco* (só se for indígena).

No entanto, em Portugal, uma cidade pequena sempre é uma aldeia.

Divertir e distrair podem ser sinônimos, mas em – *Ele se distraiu e bateu no poste* – não são nem de longe.

O tabu – aquilo que não deve ser dito em uma sociedade – envolve campos como religião, raça, sexo, atos fisiológicos, idade e doença. Para nomear estes termos, a língua desenvolve sinônimos que são eufemismos (de *eu* – bom).

O negro passa a ser *homem de cor* ou *moreno*. *Sutiã* (do francês *soutiens* – sustentar) foi um eufemismo usado no Brasil para porta-seios ou porta-peitos. Eufemismo é ainda um sinônimo usado diplomaticamente como cortesia: Ninguém é gordo – é *cheinho* ou *forte*. Ninguém é velho – está na *terceira idade* ou na *melhor idade*. Por isso, as mensagens publicitárias oferecem produtos para as *primeiras*

*rugas* ou os *primeiros cabelos brancos*, mesmo quando a cabeça já se cobriu há muito com a neve do tempo. Com a noção do politicamente correto, aumentou a lista dos sinônimos eufêmicos, sobretudo no inglês, onde essa noção foi introduzida.

Voltando à noção de sinônimos, alguns gramáticos consideram a possibilidade de sinonímia parcial (a mais comum) e total. Esta última é mais encontrada entre termos técnicos como antídoto e contraveneno, quando originários em línguas diferentes. Diz-se em Portugal *teledetecção* e no Brasil *sensoriamento remoto*, vindo a primeira do francês e a segunda do inglês.

A sinonímia total é quase impossível, pois há uma conotação inerente a cada termo que nos faz usá-los em ocasiões diferentes.

Podemos considerar que várias palavras são da mesma área semântica. Como lembramos no início, em *casa*, *casebre*, *casarão*, *casinha*, *mansão*, *palacete*, *lar*. Embora *minha casa* e *meu lar* sejam quase idênticos, uma casa pode ser minha e não ser meu lar.

As palavras ditas sinônimas geram sentidos semelhantes e não iguais, mas são importantes para desenvolver conhecimentos linguísticos e perceber as nuances e conotações que expressam o vocabulário de uma língua, na construção de um texto.

Passemos então ao polo oposto, que são justamente os sentidos contrários, gerados pelo emprego de antônimos (do grego *anti* – contrário + *onoma* – nome).

A antonímia é representada por palavras, expressões ou grupo de palavras, cujos sentidos são opostos – parcial ou totalmente incompatíveis, aparecendo em:

- Forma binária (vivo-morto)
- Parte de uma série (vermelho – preto, azul, branco etc.)
- Pares (aluno – professor) que podem ser convertidos (pai – filho) (marido – mulher)
- Gradação (gelado/frio/morno/quente/fervente)

Os antônimos são de grande valia na caracterização dos objetos e pessoas, embora seja difícil precisar quando duas palavras são extremamente opostas. Só no uso se vê. Dia se opõe a noite, mas o dia 24 de agosto (ou qualquer data) inclui também a noite dentro de 24 horas. Claro *x* escuro são opostos. Mas quando se diz *é claro*, se algo não estiver compreensível ou aceitável, a resposta não será *é escuro!*

Como elemento de caracterização de estados opostos, o jogo de antônimos é muito usado na publicidade para caracterizar o antes e o depois de usar um produto.

*Meus cabelos eram fracos e quebradiços. Agora estão fortes e sedosos.* Às vezes, a antonímia (na publicidade) é representada apenas pela imagem.

Os termos ligados à noção de alto e baixo serão valorizados à medida que se identificam com o primeiro. Posições inferiores sempre são consideradas negativas.

Vários pares de termos têm conotação ligada à altura (configurada ou real): sob – sobre, em cima – em baixo, superior – inferior, deitado – em pé, que admitem gradação e valoração.

Uma linguista francesa – Blanche Grünig – diz que o par de antônimo mais característico é o sim/não, que provoca adesão e recusa, atravessando o universo da comunicação e atingindo os campos da gramática, da lógica, da reflexão, com a fixação da oposição entre os polos.

Uma palavrinha, apenas para explicar os dois termos usados no início.

Homônimo – é nome igual (do grego *homo* igual + nome). É o mesmo elemento que forma homófono (mesmo som), homossexual (mesmo sexo), homogêneo (mesmo aspecto).

São formas iguais (já vimos antes, lembram-se?) com significado sem nenhuma ligação: manga (verbo mangar) e manga (fruta).

Parônimos – (do grego *para* ao lado de + *onoma* nome). São termos com formas semelhantes e nenhum traço em comum no significado: cessão/sessão, comprimento/cumprimento.

Por último, o já visto polissemia ou termo polissêmico, que vem do grego como palavra de muitas significações.

Agora, escolha as armas e penetre no campo de batalha.

Escolha um comentário de jornal e tente substituir termos usados por seus sinônimos eventuais ou parciais.

A seguir, mesmo que não tenha usado pares de antônimos, pesquise se os adjetivos usados têm antônimos. Muitos antônimos são formados com prefixos negativos.

Ligar – **des**ligar

Cômodo – **inc**ômodo

Digno – **ind**igno

Mortal – **im**mortal

Às vezes, no entanto, o prefixo gera outro sentido, como andar *x* desandar, imergente *x* emergente, esse último, um termo da moda.

Também quando constatamos uma qualidade de alguém, nem sempre é negação de um defeito. *O deputado é honesto* não significa que estamos querendo defendê-lo da acusação de ser *desonesto*. Com as informações recebidas, agora somadas às que vocês já têm, busquem conhecer melhor o jogo dos semelhantes e dos opostos na sua língua materna.

**X**

**O carteiro pergunta ao poeta:  
o que é metáfora?**

---

## O carteiro pergunta ao poeta: o que é metáfora?

O belíssimo e premiado filme *O Carteiro e o Poeta* (baseado no livro *O Carteiro de Pablo Neruda*, de Antônio Skámeta) temos o seguinte diálogo entre Neruda – o poeta – e Mário – o carteiro:

“- O que tens?

- Don Pablo?

- Ficas aí parado como um poste.

Mário torceu o pescoço e firmou os olhos do poeta de baixo a cima.

- Cravado como uma lança?

- Não, quieto como uma torre de xadrez.

- Mais tranquilo que gato de porcelana.

Neruda largou a maçaneta do portão e acariciou o queixo.

- Mário Jinenes, além das Odes Elementares, tenho livros muito melhores. É indigno que me submetas a todo tipo de comparação e metáforas.

- D. Pablo?

- Metáforas, homem!

- Que coisas são essas?

- Para te esclarecer mais ou menos imprecisamente, são maneiras de dizer uma coisa comparando-as a outra.

- Dê-me um exemplo.

- Neruda olhou para o relógio e suspirou.

- Bem, quando tu dizes que o céu está a chorar, o que é que queres dizer?

- Que fácil! Que está a chover, pois.

- Bem, isso é metáfora.

- E por que sendo tão fácil se chama uma coisa tão complicada?

- Porque os nomes não têm nada a ver com a simplicidade ou complicação das coisas. Segundo a tua teoria, uma coisa pequena que voa não devia ter o nome tão complicado como mariposa. Pensa que elefante tem o mesmo número de letras, é muito maior e não voa – conclui Neruda, exausto”.

O trecho transcrito excedeu a descrição da metáfora, para que vocês conheçam a teoria linguística do grande poeta Neruda, e serve de introdução ao final da viagem ao mundo das palavras, abordando as figuras de retórica. Podem ser de

construção, de pensamento e de palavras, porém só essas últimas interessam ao nosso mundo, o mundo do léxico.

Podemos também chamá-las de Linguagem Figurada. Dividem-se em dois grandes polos – o polo metonímico, onde há um vínculo natural de inclusão ou de proximidade, e o polo metafórico, de semelhança ou associação. O primeiro estabelece uma relação real e não mentada (de mente), e vai incidir sobre o eixo da combinação entre termos. Não se preocupe: é fácil. Não iremos separar aqui a metonímia (relação qualitativa) da sinédoque (relação quantitativa). Os autores preferem, hoje em dia, agrupar toda a figura de palavra que age como transposição semântica de vários tipos como metonímia:

- **O autor pela obra** – *Ler Ariano Suassuna, vestir um Armani*
- **O lugar pela coisa** – *Beber champagne*
- **O inventor pelo invento** – *Dirigir um Ford*
- **O indivíduo pelo grupo** – *Ser o Maluf da turma*
- **A parte pelo todo** – *Santinha são dois olhos míopes*
- **O concreto pelo abstrato** – *Ele é uma boa companhia*

Caso bem conhecido de metonímia é *boia-fria* – quando um tipo de refeição possível para trabalhadores do

campo passou a designar aos mesmos. Os *sem-terra* seria outra: os trabalhadores que estão *sem terra* – os *sem-terra* (seria metonímia de causa, bem como todos os outros sem). Da realidade atual, *sem-teto*, *sem-emprego*, *sem-comida*, quando o plural não é feito por se tratar de quantidade não contável (aí já é a vez dos gramáticos).

Bem, embora estes termos sejam muito negativos, ainda acrescentaremos mais um. A palavra *favela* veio de uma planta trazida de Canudos e plantada em um morro do Rio, pelos soldados egressos dessa guerra fratricida. O morro passou a se chamar de Favela, e a seguir designou o tipo de habitação pobre daquele morro, dos demais e de todo o país, por onde se alastrou. Inúmeros produtos são nomeados por metonímia: *Gillette*, *Modess*, *Brahma*, quando a marca assume o nome do objeto. *Brastemp* conseguiu mais; passou a significar algo excepcional, imposto por uma propaganda bem elaborada.

Voltamos ao ponto de partida, à metáfora inicial de Neruda. Estabelecendo uma relação de semelhança real ou imaginária, começa como uma comparação, em razão das lacunas no vocabulário disponível, em contraste com as ideias a transmitir. São comparações necessárias que, a partir do uso constante, perdem a presença do termo de comparação.

*Seus olhos iluminam o rosto como duas esmeraldas* é uma comparação, mas *Seus olhos são duas esmeraldas* é uma metáfora.

“Qual o semeador que esqueceu no céu esta foice de ouro?” diz Victor Hugo referindo-se à lua crescente. Esta metáfora é mias perfeita do que seria qualquer comparação.

As metáforas modificam o significado das palavras estabelecendo relações de associação (paradigmáticas).

Os poetas românticos adoravam construir textos metafóricos. É de Casimiro de Abreu o poema “Simpatia são dois galhos vivendo no mesmo orvalho, das mangueiras do jardim”. Mas também os modernos como Chico Buarque e Caetano escreveram em metáforas, sobretudo quando insinuavam o que queriam denunciar, por causa da censura.

“Vai passar nessa avenida o samba popular, com barões famintos e napoleões retintos” é uma enorme metáfora, uma alegoria da história do Brasil.

O mais comum no uso metafórico são os substantivos, porém também adjetivos e verbos são usados: “Vai-e-vem *elástico* das rendas e dos amores”.

“As ondas *beijam* suavemente a areia, beijo de amor que devemos imitar” (música popular).

“Somos *madeira que cupim não rói*” (expressão metafórica) Bloco de Madeira do Rosarinho.

“BNDS *cozinha* nomeação de consultoria” (manchete de economia).

A metáfora compreende ainda a sinestesia – com associação entre sensações diferentes: cheiro macio, fresca

música da brisa, luz perfumada. A espécie de metáfora que causa mais impacto no vocabulário é a catacrese.

A catacrese não tem finalidade estética: são metáforas naturais da língua, em geral clichês.

“Têm como origem o próprio homem, seu ambiente, seu cotidiano”, segundo Othon Garcia. Na maioria, derivam das partes do corpo humano: olho d’água, cabelo de milho, cotovelo do rio, braço de mar, barriga da perna, perna da cadeira, olho de furacão.

Metáfora, como descobriu o carteiro Mário com a explicação de Neruda, é coisa fácil e corriqueira, nos acontecimentos cotidianos. Disse um estilista francês que havia mais figuras de palavras numa feira do que numa página literária. Quem nunca ouviu *Isto está uma joia*, ou (se já foi à feira), *Essa fruta está um mel. É barato que só bolo de goma*. Ou ainda, *Este político é uma raposa*.

Só que a finalidade das metáforas na feira, no cotidiano, não é estética. É reforço da expressão para argumentar com os outros. Na literatura, a metáfora tem finalidade estética e procura-se dar originalidade às várias maneiras de dizer. Observem Fernando Pessoa: “Fechei a cortina de todas as hipóteses que podia ver na rua”.

Bem, agora é trabalhar o que expomos aqui, para entender melhor os conceitos. Ninguém aprende com outros, mas esforçando-se para entender e construir o significado do seu saber. Onde buscar metonímias e catacreses? Procurem nos diálogos, na linguagem falada do cotidiano. Quanto à

*Princípios básicos de Lexicologia*

metáfora, eu, se fosse você, buscaria numa linguagem especial, na música de compositores pernambucanos, em Capiba, Alceu Valença, Nelson Ferreira, Antônio Maria, Fernando Lobo e Getúlio Cavalcanti. Você vai adorar conhecer melhor essa gente.

## Conclusão

Através dessas páginas que, esperamos, tenham sido apreciadas e aprendidas, procuramos fazer ver que o vocabulário não pode ser visto como um inventário de conceitos isolados, nem como uma listagem aleatória de termos. Ao contrário, é um sistema organizado de valores, o que demonstra na sua forma de estruturação em relações de equivalência, de semelhança e de oposição.

Isto torna possível conhecer, através do uso da palavra, os valores ideológicos próprios de uma cultura determinada. Toda palavra se projeta no espaço marcado pela visão do mundo do grupo.

*Rei, soldado, votar, família, primo*, só podem existir numa determinada prática social que admita essas denominações na distribuição das funções de poder, formas de defesa, de escolha, maneira de considerar o parentesco. A Bíblia diz que João era irmão de Jesus, porque naquela comunidade *primo* era assim considerado. Paulo Freire criou

seu famoso método levando os alunos a raciocinar criticamente a partir de palavras tiradas do seu universo vocabular, isto é, expressões de conceitos vivenciados. O índio peruano considera que uma montanha só existe se houver um homem a chamá-la pelo nome. A palavra, nomeando a realidade, cria e introjeta o conceito, e, a seguir, transmite-o.

Nas palavras também espelham-se os preconceitos e idiossincrasias de diferentes comunidades, como podemos ver na maneira de nomear uma relação familiar meio conflituosa: sogra, mother-in-law, belle-mère. Na Língua Portuguesa, a maioria dos palavrões são femininos, enquanto que o gênero nobre é o masculino, no qual são dicionarizadas as palavras. Na variante brasileira da língua, os preconceitos são denunciados em termos como *gelo baiano*, *programa de índio*, *cabelo ruim*, *cabelo mal com Deus*, entre outros.

*Árvore*, *boi*, *homem* são palavras básicas e parecem universais, mas correspondem a análises classificatórias feitas no extralinguístico, de acordo com a visão de mundo e a prática social da comunidade. *Árvore* diferencia-se de arbusto pelo porte, *boi* de *touro* pela função e finalidade. E *homem*? Referindo a todo gênero humano, esta palavra designa um conceito nobre em nossa sociedade. Mas será que consideramos todos dentro desse conceito, iguais nos direitos básicos? Essas conotações são aprendidas na prática inconscientemente quando o falante integra a palavra no seu vocabulário, o que resulta na formação de mentalidade. “A

língua socialmente formada influencia, por sua vez, a maneira a qual a sociedade concebe a realidade”, sentenciava Sapir, linguista americano.

A Língua Portuguesa, “nossa pátria”, segundo Fernando Pessoa, marca uma maneira de ver o mundo. Estudando-a, entendemos com mais clareza o que pensam os outros ao redor de nós, e o que pensamos nós mesmos ao redor dos outros.

## **Bibliografia**

ALVES, Ieda. Neologismo: Criação Lexical. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1990.

BENVENISTE, Emile. Problemas de linguística geral. v. 2. São Paulo: Nacional, 1988.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Teoria linguística: linguística qualitativa e computacional. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1979.

CARVALHO, Nelly. Publicidade: a linguagem da sedução. Série Fundamentos. São Paulo: Ática, 1995.

CARVALHO, Nelly. O que é neologismo. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CARVALHO, Nelly. Empréstimos linguísticos. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1989.

FARIAS, Iaracilda; CARVALHO, Nelly et alli. O Discurso da Publicidade. Recife: Editora Universitária, 1995.

GOMES DE MATOS, Francisco. A linguística, o usuário e a propaganda. Recife: UFPE, Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística. Mimeogr., 1980.

Koch, Ingedore G. Villaça. Argumentação e linguagem. São Paulo: Cortez, 1984.

Perini, Mário. Gramática Descritiva do Português. São Paulo: Ática, 1993.

**Princípios básicos de Lexicologia**

**Editora**  
**Universitária**  **UFPE**

Rua Acadêmico Hélio Ramos, 20 | Várzea, Recife - PE | CEP: 50.740-530  
Fones: (0xx81) 2126.8397 | 2126.8930 | Fax: (0xx81) 2126.8395  
[www.ufpe.br/edufpe](http://www.ufpe.br/edufpe) | [edufpe@nlink.com.br](mailto:edufpe@nlink.com.br) | [editora@ufpe.br](mailto:editora@ufpe.br)

**É** com imenso prazer que trazemos ao público *Princípios Básicos de Lexicologia* de autoria de Nely Carvalho, agora na sua segunda edição. Este trabalho foi publicado anteriormente com o título “A palavra é” e grande foi o êxito, esgotado, surge nessa nova edição também pela Editora da UFPE para alegrar a todos nós, seus leitores e admiradores.

A autora trata de temas relevantes como os limites entre o vocabulário e a gramática, por que as palavras são divididas em classes? Qual a origem do vocabulário da Língua Portuguesa? Como surgem novas palavras? O que são empréstimos? Como funcionam as gírias? O que é ambiguidade? Polissemia e Homonímia: qual a diferença? Sinonímia e Antonímia: o que é isso? O carteiro pergunta ao poeta: o que é metáfora?

São temas que interessam a alunos e professores de Letras, Pedagogia, Secretariado, Jornalismo, Filosofia, Psicologia, Sociologia e ao público em geral. É uma leitura convidativa à reflexão de questões fundamentais da língua portuguesa. Aqui encontraremos respostas e caminhos para dúvidas de natureza lexical que possamos ter sobre a nossa língua materna.

Você, professor de Língua Portuguesa em todos os níveis, não pode deixar de ler esta obra, que singularmente a autora chama de “Princípios Básicos...”, mas o que seria da complexidade de não existisse “o básico”?

Agradecemos, portanto, a Professora Nelly Carvalho por mais esta contribuição a todos nós usuários-amantes e profissionais da nossa língua pátria, a Língua Portuguesa. Nelly continua colaborando com a Pós-Graduação em Letras da UFPE, orientando trabalhos de dissertações de Mestrado e teses de Doutorado. É sempre gratificante ler os seus artigos publicados no *Jornal do Comercio*, ou seja, uma mulher atenta aos acontecimentos do seu tempo e comprometida com a sua profissão.



*Profa. Maria José de Matos Luna*  
*Diretora da Editora Universitária da UFPE*